

Conversa sincera

Laís Auler, atriz e jornalista

A cada 23 minutos, um jovem negro é assassinado no Brasil, de acordo com uma CPI do Senado sobre o Assassinato de Jovens. Ser negro num país que mascara um racismo histórico é um desafio. Racionais MCs cantam: “A vida não é problema, é batalha, desafio”. Ao propor uma consciência racial e social através de suas letras fortes e realistas, o grupo marcou mais de uma geração de jovens da periferia.

Inspirada pelas músicas dos rappers paulistas, *Farinha com açúcar ou sobre a sustança de meninos e homens* se propõe a questionar e discutir a masculinidade nas comunidades periféricas. A encenação surgiu de um questionamento do pesquisador, ator, dramaturgo e diretor Jé Oliveira a respeito da identidade do homem negro dentro da favela. A peça faz parte do repertório do Coletivo Negro, grupo que se formou em 2007, após finalização do curso de Direção na Escola Livre de Teatro de Santo André, com o propósito de pesquisar e fazer um teatro comprometido com questões étnico-raciais.

Farinha com açúcar é uma encenação para tirar o espectador do conforto das suas poltronas, das suas vidas. A montagem é um híbrido de peça, performance, show, manifesto. Em cena tem-se um único ator, porém nem perto pode ser considerado um solo devido à presença marcante de mais quatro músicos e um DJ no palco, que juntos entoam palavras e poesia ao ritmo do rap. Todos negros. Todos nascidos em comunidades paulistanas marginalizadas. O Teatro do SESC foi tomado pelo cenário que reporta aos barracos do Capão Redondo, bairro pobre da periferia da cidade de São Paulo, remetendo ao sentimento de apertume da favela, ao pouco espaço para se mexer e se distinguir do próximo.

Logo no início a realidade é apresentada: ato I, “A morte”. Por meio de texto e música inúmeras maneiras de morrer são apresentadas. A proposta é pensar e entender a morte dentro das comunidades. Morte em repetição. Morte em série de toda uma geração de negros excluídos em morros, onde predomina a pobreza, a falta de acesso à saúde e à educação. Ouvem-se histórias de meninos e de homens que morreram em ações policiais, vencidos pela bebida, ou ainda das filas dos precários atendimentos de saúde. E é reforçado sempre: não haverá ilusão nessa peça.

Em uma cena marcante, Jé Oliveira ofereceu à plateia copos que continham farinha com açúcar. As pessoas não souberam como reagir, mas aceitaram os recipientes - mais como um gesto de educação. Desconfortáveis e sem saber mais o que fazer, muitos experimentam a mistura; outros simplesmente repassaram o conteúdo.

A mistura de farinha com açúcar - que remete ao título da peça - é elemento essencial nas receitas de bolo, mas consumidos puros é algo que mescla o doce e o gosto de nada do trigo moído. Gruda na garganta, e aquela poeira incomoda lá no fundo. Pouco tempo antes da oferta para a plateia, Jé estava em cena vivendo uma criança que pedia comida para mãe. "Mãe, eu tô com fome. Mãe, eu tô com fome. Mãe, eu tô com fome. O que tem para comer?". "Só tem farinha com açúcar" é a resposta da mãe.

Durante os 80 minutos da peça, clichês são questionados, e verdades são apresentadas. Contesta-se o lugar comum, o lugar que se ocupa na sociedade, a condição de humanidade dos espectadores presentes e que, provavelmente, jamais se alimentaram da mistura de farinha com açúcar.

A repetição é uma marca da encenação. Repetição dos gestos. Repetição do corpo. Repetição da música que se canta. Repetição daquilo que se diz. Repetição para reafirmar tudo o que se relata. Repetição que retoma com frequência a poesia dos Racionais MCs. Poesia bruta, real e sincera que constantemente reforça: "A cada quatro pessoas mortas pela polícia, três são negras". Efeitos sonoros e a agilidade do DJ fazem as mensagens ecoar e preencher o silêncio. "Três são negros. Três são negros. Três são negros."

Ao se encaminhar para desfecho do espetáculo, as festas da periferia são lembradas. Ao som de Marvin Gaye e Jackson 5, os músicos dançam e fazem coreografias divertidas, mudando completamente o tom do início da encenação. No final da peça-show, Jé Oliveira dialoga com a plateia ao mesmo tempo em que o DJ Tano mixa ritmos de grandes músicos negros brasileiros. Enquanto percorria as fileiras de poltronas, Jé se mostrou feliz com a presença de pessoas negras na plateia: "É difícil ser preto na Bahia, imagina aqui no Rio Grande do Sul. Bom saber que vocês resistem." Uma conversa sincera que propunha integração com todos os presentes.

Logo mais uma grande bandeira tapava toda a boca de cena com uma inscrição escrita à mão: "Nosso júri é racional. Não falha. Nunca ser fã de canalha".

Versos dos Racionais MCs, os grandes homenageados pelo grupo. As luzes se apagam. Pausa e silêncio. Não é fácil de processar tudo o que se viu. O público é pego de surpresa ao ver todo o elenco voltar e portando lanternas que projetavam as palavras “Todo poder ao povo“. No final, os artistas estão em pé, unidos, enquanto são aplaudidos.

Farinha com açúcar é pesquisa. É manifesto. É incômodo. É questionamento. É a busca por uma identidade dentro de um mundo tão excludente. É a afirmação de ser negro, de ser indivíduo que vive, respira e resiste. É uma peça para ser vista, para ser ouvida. É impossível não sair incomodado e com embrulho no estômago.